

*Karen Marie*  
MONING



Guerreiro  
domado



**Tradução**  
Monique D'Orazio

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2017



VERUS  
EDITORA

**Editora**

Raíssa Castro

**Coordenadora editorial**

Ana Paula Gomes

**Copidesque**

Lígia Alves

**Revisão**

Érica Bombardi

**Capa, projeto gráfico e diagramação**

André S. Tavares da Silva

**Fotos da capa**

RazzleDazzleStock/Shutterstock (casal)

---

**Título original***To Tame a Highland Warrior*

ISBN: 978-85-7686-619-0

Copyright © Karen Marie Moning, 1999

Todos os direitos reservados.

Edição publicada mediante acordo com Dell Books, selo da Random House, divisão da Penguin Random House LLC.

Tradução © Verus Editora, 2017

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

**Verus Editora Ltda.**

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | [www.veruseditora.com.br](http://www.veruseditora.com.br)**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

M754g

Moning, Karen Marie, 1964-

Guerreiro domado / Karen Marie Moning ; tradução Monique D'Orazio. - 1. ed. - Campinas, SP : Verus, 2017.

23 cm. (Highlanders ; 2)

Tradução de: To Tame a Highland Warrior

ISBN 978-85-7686-619-0

1. Romance americano. I. D'Orazio, Monique. II. Título.  
III. Série.

17-43792

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

---



# Uma lenda celta

---



Reza a lenda que o poder do Berserker — força, proeza, virilidade e astúcia sobrenaturais — pode ser comprado ao preço corrente da alma de um homem.

Nas colinas de urzes das Highlands, o deus viking Odin se esconde em lugares sombrios, ouvindo o clamor amargo de um homem, brutalizado além da resistência mortal, invocando sua ajuda.

Diz a lenda que, se o mortal for digno, o sopro primordial dos deuses encontra seu coração e o torna um guerreiro invencível.

As mulheres sussurram que o Berserker é um amante incomparável; reza a lenda ainda que há uma única companheira verdadeira para ele. Como o lobo, ele ama apenas uma vez e ama para sempre.

No alto das montanhas da Escócia, o Círculo dos Anciãos diz que o Berserker, uma vez invocado, nunca pode ser destituído — e, se o homem não aprender a aceitar os instintos primitivos da besta interior, ele morrerá.

A lenda fala de um tal homem...

# Prólogo



*A própria morte é preferível a uma vida de vergonha.*

BEOWULF

CASTELO MALDEBANN  
HIGHLANDS ESCOCESAS

1499

**O**s gritos *tinham* que parar. Ele não podia suportá-los por nem mais um minuto, ainda que soubesse que era impotente para salvar aquelas pessoas. Sua família, seu clã, seu melhor amigo Arron, com quem cavalgara pelos campos de urzes no dia anterior, e sua mãe — ah, mas sua mãe era outra história; o assassinato dela tinha sido o presságio dessa... dessa... barbárie...

Ele se virou, amaldiçoando a si mesmo pela covardia. Se não podia salvá-los nem morrer com eles, pelo menos lhes devia a honra de gravar aqueles eventos na memória. Para vingar as mortes.

Uma de cada vez se necessário.

*A vingança não traz os mortos de volta.* Quantas vezes seu pai dissera isso? Um dia Gavrael acreditara naquelas palavras, acreditara *nele*, mas isso fora antes de ter encontrado seu poderoso, sábio e maravilhoso pai prostrado ante o corpo de sua mãe naquela manhã, a camisa manchada de sangue, uma adaga gotejando em seu punho.

Gavrael McIlloch, filho único do *laird* de Maldebann, estava imóvel diante da Fenda de Wotan, no alto de um penhasco íngreme, observando o vilarejo de Tuluth, que preenchia o vale centenas de metros abaixo. Perguntava-se como é que seu dia se tornara tão amargo. O dia anterior fora um belo dia, cheio dos prazeres simples de um rapaz que no futuro governaria aquelas montanhas

verdejantes. Então, uma nova manhã tinha rompido e, com ela, seu coração. Depois de encontrar o pai ao lado do corpo dilacerado de Jolyn McIlloch, Gavrael corraera para o santuário da densa floresta das Highlands, onde passou boa parte do dia, oscilando loucamente entre a raiva e o sofrimento.

Algum tempo depois, no entanto, raiva e sofrimento haviam recuado, deixando-o estranhamente alheio à realidade. Ao entardecer, ele refez seus passos até o Castelo Maldebann para confrontar seu soberano com acusações de assassinato, em uma derradeira tentativa de encontrar um sentido no que vira, como se algum sentido pudesse ser encontrado. Agora, porém, sobre o outeiro muito acima de Tuluth, o garoto de catorze anos, filho de Ronin McIlloch, percebeu que seu pesadelo apenas começara. O Castelo Maldebann estava sitiado, o vilarejo era consumido pelas chamas, as pessoas corriam desesperadamente entre colunas de labaredas e pilhas de mortos. Gavrael observou, impotente, um garotinho circundar uma cabana e ser surpreendido pela lâmina de um McKane. Gavrael se encolheu; eram apenas crianças, mas crianças podiam crescer e buscar vingança, e os fanáticos McKane nunca deixavam que as sementes do ódio ficassem raízes e gerassem frutos venenosos.

À luz do fogo que engolia as cabanas, ele podia ver que os McKane estavam em considerável superioridade numérica em relação a seu povo. O distinto tartan verde e cinza do odiado inimigo tomava aquele lugar em proporção de uma dúzia para cada McIlloch. *É quase como se eles soubessem que estaríamos vulneráveis*, pensou Gavrael. Mais da metade dos McIlloch estava fora, no norte, por ocasião de um casamento.

Gavrael detestava ter catorze anos. Embora fosse alto e robusto para a idade, com ombros que sugeriam uma força excepcional por vir, ele sabia que não era páreo para os robustos McKane. Eram guerreiros de corpo poderosamente desenvolvido, alimentados por um ódio obsessivo. Treinavam sem cessar, existiam apenas para a pilhagem e para a matança. Gavrael não teria mais importância para eles do que um filhote tenaz ganindo para um urso. Poderia saltar para a batalha lá embaixo, mas morreria de forma tão inconsequente como o garoto morrera instantes antes. Se tivesse que morrer naquela noite, ele jurava que sua morte teria um significado.

*Berserker*, o vento parecia sussurrar. Gavrael inclinou a cabeça, ouvindo. Não apenas seu mundo estava sendo destruído como agora ele também escutava vozes. Sua sanidade também lhe falharia antes que aquele dia terrível chegasse ao fim? Ele sabia que a lenda dos Berserkers era simplesmente isto: uma lenda.

*Suplique aos deuses*, sibilaram os galhos farfalhantes dos pinheiros.

— Certo — murmurou Gavrael. Como ele fazia desde que ouvira a história assustadora aos nove anos de idade? Certamente não havia Berserkers. Tratava-se de uma lenda tola para assustar crianças travessas e fazê-las se comportar.

*Ber... ser... ker.* Dessa vez o som foi mais claro, alto demais para ser apenas imaginação.

Gavrael girou no lugar e procurou entre as gigantescas rochas atrás dele. A Fenda de Wotan era uma tumba de rochedos e pedras em posições estranhas, que projetavam sombras monstruosas sob a lua cheia. Rumores diziam que se tratava de um lugar sagrado, onde os líderes tribais do passado se encontravam para planejar guerras e traçar destinos. Era um lugar que poderia fazer um adolescente quase acreditar no demoníaco. Ele ouviu com atenção, mas o vento carregava apenas os gritos de seu povo.

Uma pena que as histórias pagãs não fossem verdadeiras. As lendas afirmavam que os Berserkers podiam se mover a uma velocidade tal que pareciam invisíveis ao olho humano até o momento do ataque. Possuíam sentidos absurdos: a precisão olfativa de um lobo, a sensibilidade auditiva de um morcego, a força de vinte homens, a visão penetrante de uma águia. Os Berserkers outrora tinham sido os guerreiros mais temidos e destemidos a um dia caminhar pela Escócia, quase setecentos anos antes. Eram o exército de elite viking de Odin. Segundo a lenda, podiam assumir a forma de um lobo ou de um urso com a mesma facilidade com que voltavam a ser homens. E eram marcados por uma característica em comum: ímpios olhos azuis que reluziam como carvões em brasa.

*Berserker*, o vento pareceu suspirar.

— Berserkers não existem — Gavrael informou à noite, em tom sinistro. Não era mais o garoto tolo que tinha se enfeitado pela ideia de possuir uma força indestrutível; não mais o jovem que um dia desejara oferecer sua vida imortal em troca de poder e controle absolutos. Além disso, seus olhos eram castanho-escuros, e sempre tinham sido. Nunca a história registrara um Berserker com tal característica.

*Invoke-me.*

Gavrael encolheu-se. O último fragmento de sua mente traumatizada tinha sido uma ordem, inegável, irresistível. Os pelos de sua nuca se eriçaram e a pele se arrepiou. Nenhuma vez, em seus anos de brincar de invocar um Berserker, ele havia se sentido tão estranho. Seu sangue pulsava espesso nas

veias, e ele se sentiu oscilando na beira de um abismo que o seduzia tanto quanto lhe causava repulsa.

Gritos encheram o vale. Criança após criança tombava enquanto ele permanecia ali, no alto do campo de batalha, incapaz de alterar o curso dos acontecimentos. Faria qualquer coisa para salvá-los: trocar, vender, roubar, assassinar... *qualquer coisa.*

Lágrimas escorreram por seu rosto vendo uma garotinha de cachos loiros gemer e expirar. Não haveria braços maternos para ela, nem pretendentes galantes, nem casamento, nem bebês; nem mesmo uma respiração da vida preciosa. O sangue manchava a frente de sua túnica, e ele o fitava, hipnotizado. Seu universo estreitou-se em um túnel de visão no qual o sangue que florescia no peito dela se tornou um redemoinho vasto e escarlate, sugando-o para baixo e para baixo...

Algo dentro dele se rompeu.

Ele jogou a cabeça para trás e uivou, as palavras ricocheteando nas rochas da Fenda de Wotan.

— Ouça-me, Odin. Eu invoco o Berserker! Eu, Gavrael Roderick Icarus McIllloch, ofereço minha vida; não, a minha alma, por vingança. Eu invoco o Berserker!

A brisa moderada se tornou de repente violenta, fustigando as folhas e levantando terra no ar. Gavrael ergueu os braços para proteger o rosto dos objetos voadores afiados como agulhas. Galhos, que não eram páreo para o vendaval feroz, desprendiam-se das árvores e golpeavam o corpo dele, como se fossem lanças desferidas caoticamente pelas árvores. Nuvens negras movimentavam-se no céu noturno, momentaneamente obscurecendo a lua. O vento sobrenatural penetrava os canais de rocha na Fenda de Wotan, abafando por um breve instante os gritos que vinham do vale lá embaixo. Subitamente, a noite explodiu em um clarão ofuscante de azul, e Gavrael sentiu seu corpo... se transformar.

Ele rosnou, exibindo os dentes, ao sentir algo irrevogável se transformar dentro de si.

Percebia agora uns doze cheiros diferentes vindos da batalha do vale — o odor metálico da ferrugem do sangue, do aço e do ódio.

Podia ouvir sussurros no acampamento dos McKane no horizonte distante.

Ele viu pela primeira vez que os guerreiros pareciam se mover em câmera lenta. Como tinha falhado em notar aquilo antes? Seria absurdamente fácil

deslizar ali e destruir todos enquanto se moviam com dificuldade, como se estivessem sobre areia molhada. Tão fácil destruir. Tão fácil...

Gavrael sugou rápidas lufadas de ar, estufando o peito, antes de descer em disparada rumo ao vale. Ao mergulhar na carnificina, um riso ecoou da bacia rochosa que aconchegava o vale. Só se deu conta de que vinha de seus próprios lábios quando os McKane começaram a tombar sob sua espada.



Horas mais tarde, Gavrael desabou sobre os restos incandescentes de Tuluth. Não havia mais McKane: tinham perecido ou fugido. Os aldeões sobreviventes cuidavam dos feridos e caminhavam cautelosamente ao redor do jovem filho de *laird* McIllloch.

— Quase três vintenas de pessoas você matou, rapaz — sussurrou um velho de olhos brilhantes quando Gavrael passou. — Nem mesmo seu pai na flor da idade podia fazer algo assim. Você é muito mais furioso.

Gavrael lhe lançou um olhar assustado. Antes que pudesse perguntar o que o velho queria dizer com aquele comentário, o homem se dissolveu em uma espiral bruxuleante de fumaça.

— Você derrotou três com um único golpe de espada, rapaz — gritou outro.

Uma criança enlaçou os braços nos joelhos de Gavrael.

— Você salvou a minha vida! Você salvou! — gritou o menino. — Aquele velho McKane teria me devorado no jantar. Obrigado! Minha mãe também agradece.

Gavrael sorriu para o menino, depois se voltou para a mãe, que fez o sinal da cruz e não parecia nem remotamente grata. O sorriso dele se desvaneceu.

— Eu não sou um monstro...

— Eu sei o que você é, rapaz. — O olhar dela nunca deixou o seu. Para os ouvidos de Gavrael, aquelas palavras eram ríspidas e condenatórias. — Sei exatamente o que você é, e não pense que serei convencida do contrário. Suma daqui agora! Seu pai está em apuros. — Ela apontou um dedo trêmulo para a última fileira de cabanas em chamas.

Gavrael estreitou os olhos contra a fumaça e oscilou para a frente. Nunca se sentira tão exausto em toda a vida. Caminhando desajeitadamente, deu a volta em uma das poucas cabanas ainda de pé e parou de repente.

Seu pai estava curvado no chão, coberto de sangue, a espada abandonada ao lado do corpo, sobre a terra.



Sufrimento e raiva disputavam a supremacia no coração de Gavrael, deixando-o estranhamente vazio. Enquanto encarava o pai, a imagem do sangue da mãe surgiu no primeiro plano de sua mente, e a última de suas ilusões juvenis se desfez em pedaços; aquela noite dava à luz tanto um guerreiro extraordinário como um homem de carne e osso e defesas incomensuráveis.

— Por quê, pai? Por quê? — Sua voz falhou asperamente. Nunca veria a mãe sorrir de novo, nunca a ouviria cantar, nunca assistiria ao seu enterro... pois abandonaria Maldebann assim que o pai respondesse, para não desferir sua raiva residual sobre ele. E depois, o que se tornaria? Ninguém melhor do que seu pai.

Ronin McIlloch gemeu. Lentamente, abriu os olhos em fendas encrostadas de sangue e observou o filho. Um fio de sangue escarlate lhe escorria dos lábios quando ele se esforçou para falar.

— Nós... nascemos... — As palavras pairavam no ar, consumidas por uma tosse profunda e feia.

Gavrael agarrou o pai pela camisa, a despeito da expressão dolorosa de Ronin, e o sacudiu violentamente. Ele teria a resposta que queria antes de partir; descobriria que loucura levava o pai a matar sua mãe, ou seria torturado a vida toda por perguntas sem resposta.

— O que foi, pai? Fale! Me diga por quê!

Os olhos injetados de Ronin procuraram os de Gavrael. Seu peito subia e descia à medida que ele inspirava lufadas rápidas e curtas de ar. Com uma estranha sugestão de comiseração, ele disse:

— Filho, não podemos evitar... os homens do clã McIlloch... sempre nasceram... assim.

Gavrael encarou o pai com horror.

— Diz isso para mim? Acha que pode me convencer de que sou louco como o senhor? Eu não sou como o senhor! Não acredito em suas palavras. O senhor mente. *Mente!* — Gavrael levantou-se com um salto e se afastou, apressado.

Ronin McIlloch se forçou a se erguer sobre os cotovelos, e sua cabeça virou bruscamente diante das evidências da selvageria de Gavrael: os restos mortais dos guerreiros McKane que tinham sido literalmente dilacerados.

— Foi você quem fez isso, filho.

— Eu *não* sou um assassino brutal! — Gavrael observou os corpos mutilados, não de todo convencido das próprias palavras.

— É parte de... ser um McIlloch. Você não pode evitar, filho.

— Não me chame de filho! Eu nunca mais vou ser seu filho. E não sou parte da sua loucura. Eu não sou como o senhor. Eu *nunca* vou ser como o senhor!

Ronin afundou de volta no chão, murmurando coisas incoerentes. Gavrael deliberadamente tapou os ouvidos. Não ouviria as mentiras de seu pai nem mais um minuto. Deu-lhe as costas e observou o que sobrara de Tuluth. Os aldeões sobreviventes se agrupavam em pequenos grupos, em silêncio absoluto, observando-o. Desviando o rosto da cena da qual ele sempre se lembraria com reprovação, seu olhar mirou a pedra escura do Castelo Maldebann. Esculpida e incrustada na encosta da montanha, a fortaleza se elevava sobre o vilarejo. Houve um tempo em que ele não desejava nada mais do que crescer e ajudar a governar Maldebann ao lado do pai, para um dia assumir o posto de líder do clã. Ele desejava sempre ouvir a risada linda e melodiosa de sua mãe enchendo os salões espaçosos, ouvir a resposta grave de seu pai enquanto os dois se divertiam e conversavam. Ele sonhara responder com sabedoria às questões de seu povo; sonhara se casar e ter filhos. Sim, houve um dia em que ele acreditava que tudo aquilo iria passar. Mas, em menos tempo do que tinha levado para a lua cruzar o céu de Tuluth, todos os seus sonhos e seus últimos resquícios humanos foram destruídos.



Gavrael levou boa parte de um dia para arrastar seu corpo baqueado de volta para o santuário das densas florestas das Highlands. Ele nunca poderia voltar para casa. Sua mãe estava morta; o castelo, saqueado; e os aldeões o haviam observado com pavor. As palavras de seu pai o assombravam — *Nós nascemos assim*. Assassinos capazes de matar até mesmo os que eles diziam amar. Era uma doença da mente, pensou Gavrael, uma enfermidade que seu pai disse que ele também carregava no sangue.

Mais sedento do que jamais estivera, Gavrael se arrastou para o lago aninhado em um pequeno vale além da Fenda de Wotan. Ele desabou e ficou por algum tempo sobre a gramínea macia, e, quando já não estava mais se sentindo zozzo e fraco, arrastou-se para a frente com os cotovelos. Uniu as mãos em concha e se inclinou sobre a piscina transparente e cintilante, mas paralisou, hipnotizado pelo seu reflexo na água ondulante.

Olhos azul-gelo o encaravam de volta.